

“Agricultura familiar: transitando para onde?”

Eros Marion Mussoi¹

Resumo

A análise da gênese da agricultura familiar catarinense, evidencia sua importância na formação socioeconômica e cultural de Santa Catarina. Sua característica policultora e diversificada em termos produtivos e de capacidade de trabalho (familiar), produzindo e reproduzindo um conhecimento próprio, e sua distribuição espacial, além da integração com os outros setores da economia, proporcionaram mecanismos de resistência aos diversos momentos em que o modelo convencional de desenvolvimento e as políticas públicas que lhe deram suporte, definiram necessidades de transformações exógenas.

Do ponto de vista de políticas de desenvolvimento, este tipo de agricultura (que na verdade envolve “diversas agriculturas familiares” do ponto de vista conceitual), que expressa mais do que um “modo de produção” e sim uma forma de vida, hoje encontra-se num dilema político-estratégico. Ou potencializa o modelo clássico e convencional de desenvolvimento, baseado na utilização de recursos exógenos e relações clássicas com o mercado, ou busca desenhos produtivos-vivenciais que determinem uma maior integração/valorização dos conhecimentos e recursos locais.

A exclusão sócio-econômica crescente e o estreitamento da base alimentar razão do modelo Revolução Verde, implica em novos pensamentos político-estratégicos que favoreçam esta tipo de agricultura em toda sua potencialidade.

¹ Eng.Agr., MSc e PhD em Desenvolvimento Sustentável e Agroecologia, Técnico da Epagri e Professor Adjunto IV da UFSC. E. Mail eros@epagri.rct-sc.br